

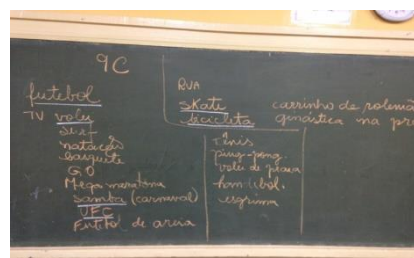
DESLIZANDO SOBRE RODAS

Nyna Taylor Gomes Escudero

EMEF Amadeu Amaral

Esta experiência pedagógica foi desenvolvida nas aulas de Educação Física, no primeiro semestre de 2015, com a turma do nono ano C da EMEF Dona Jenny Gomes, localizada na zona leste da cidade de São Paulo. Cabe ressaltar que o skate foi estudado pelos três nonos anos. A escola atende nos períodos da manhã e da tarde o ensino regular e no período noturno a educação de jovens e adultos. Esse atendimento se dá majoritariamente aos alunos que residem próximo à Unidade Escolar, isto se deve a política de distribuição dos alunos adotada, há alguns anos, pela Secretaria Municipal de Ensino do município de São Paulo em conjunto com a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo.

Com base nas reflexões de Neira e Nunes (2006) procurei me aproximar da cultura corporal dos alunos, com vistas a compreender as suas interpretações acerca das práticas corporais já acessadas por eles, bem como aquelas que tenham acessado via mídias, mas que não necessariamente tenham sido vivenciadas. Este primeiro intercâmbio permitiu perceber as relações de poder que envolvem determinadas práticas colocando-as em situação de superioridade em relação a outras, ou mesmo a sua condição incontestante no discurso dos alunos, como é o caso do futebol. Considerando que os alunos estão no seu nono ano de escolarização e apenas o universo escolar, nota-se no registro ao lado uma lista bastante tímida sobre as práticas acessadas.



Para decidir sobre o nosso objeto de estudo considerei: o mapeamento inicial realizado com os alunos, o mapeamento dos espaços para as vivências e o desejo de vivenciar outras práticas, mencionado por eles. Assim, o Skate foi eleito como tema que iria inaugurar o trabalho da educação física neste ano com as turmas dos nonos anos. Aqui a expressão inaugurar tem sentido não apenas de começo, mas de abertura de espaço para uma prática que esteve ausente do currículo da educação física. Na perspectiva cultural deste componente, ao trazermos uma prática cultural corporal que ainda não tenha sido representada no currículo escolar, bem como os saberes de outros grupos para serem

investigados, contribuimos para Descolonização do Currículo¹ e promovemos a Justiça Curricular², princípios defendidos pelo Currículo Cultural colocado em ação pela Professora e seus alunos. Nessa perspectiva, a experiência escolar é um campo aberto ao debate, ao encontro de culturas e à confluência da diversidade de manifestações corporais dos mais variados grupos sociais. (NEIRA, LIMA e NUNES, 2012, p. 08).

Iniciamos então o estudo mapeando os saberes dos alunos acerca dessa prática, simplesmente perguntando o que sabiam para colher suas impressões, não apenas sobre a prática, mas sobre seus praticantes. Esse mapeamento revelou certo preconceito em relação aos praticantes: social e de gênero, como pode-se perceber nas afirmações: "Eu não gosto de skate, isso é coisa de maconheiro, de maloqueiro" ou "Skatista é vagabundo", " Isso não é coisa de menina" e ao mesmo tempo, que um grupo, mesmo pequeno, estava mais familiarizado que os demais com o universo do skate, uma vez que trouxeram dados específicos, como exemplo: *shape*, lixa, rodas, rolamentos, manobras, equilíbrio, *truck* e por ai vai. Revelou também que enfrentaria resistência por parte daqueles que sempre foram os donos da bola nas aulas de Educação Física, pois naquele momento de identidade passaram a fazer parte da diferença e isso não os deixou confortável, já que a diferença é por eles entendida como a negação de algum atributo ou habilidade e no universo das aulas o poder está relacionado com o domínio da prática.

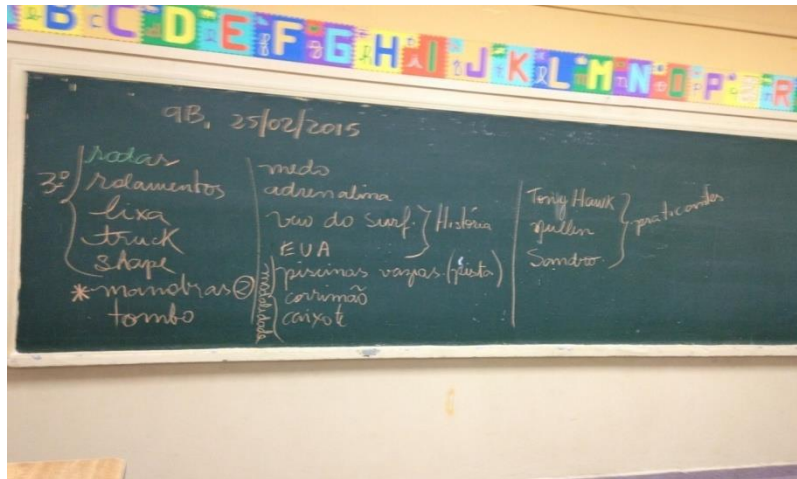
Para discutir a questão do preconceito e como atividade de ampliação, propus a leitura do Documentário "Vida sobre rodas". Pedi, antes de passar o vídeo, que observassem e registrassem o que chamasse atenção em relação aos praticantes, as manobras, aos espaços de prática, as expressões utilizadas e principalmente que examinassem se as primeiras hipóteses sobre essa manifestação cultural se confirmavam ou não. O depoimento dos alunos revelou o entendimento de que os discursos que reproduzem têm uma razão e que as suas impressões sobre os skatistas estão equivocadas.

Alguns destaques me chamaram atenção para além do quadro acima: Guaratinguetá, capital do skate do Brasil, droga e skate, banks, metaleiro e punk, calça

¹ A descolonização do currículo, segundo Silva (1995), visa permear a seleção de conteúdos do currículo com manifestações culturais de grupos historicamente ausentes do processo escolar.

² A justiça curricular é concebida em semelhança à justiça social, Ou seja é fundamental atentar ao modo como o currículo privilegia certos conhecimentos, certas identidades, certas vozes, certos discursos em detrimento de outros e atuar no sentido de modificar as condições de minimização e desqualificação das práticas corporais ou temáticas pertencentes aos grupos não hegemônicos. (Neira e Nunes, 2009)

rasgada,
skatista é
museu do



todo
folgado,
Ipiranga,

manifestação, Janio Quadros, Erundina liberou o skate, Porque os meninos tinham que andar escondido dos pais?

Nossa discussão possibilitou uma reflexão sobre em que, e em quais discursos nossas interpretações sobre as pessoas e o que fazem se ancoram. Os alunos perceberam que a prática do skate incomodava algumas pessoas e que havia um interesse em construir uma representação negativa acerca desta prática e de seus praticantes. Relacionar o skate as drogas, por exemplo; afirmar que todo skatista é folgado, que skate é coisa de maloqueiro são associações negativas, ora nenhum pai ou mãe gostaria de ver seu filho qualificado como maloqueiro, drogado, vagabundo e etc. Alguns alunos mostraram-se indignados com a decisão do Jânio Quadros quando proibiu a prática do skate na cidade, adjetivaram como bizarra a atitude do Prefeito. "Skate não é crime Pro".

Dessa reflexão emergiram cinco eixos que poderiam ser investigados afim de conhecermos mais essa prática, a saber: história, manobras, campeonatos, participação feminina e o papel da música nesta prática. Considerando esses eixos elegi os seguintes objetivos:

- ✓ Ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca da manifestação cultural corporal Skate e de seus praticantes por meio da investigação pelos alunos juntamente com a Professora.
- ✓ Vivenciar esta prática na escola por meio de sua ressignificação pelos alunos.
- ✓ Promover uma saída pedagógica à uma pista de skate.
- ✓ Promover um festival de Skate.

Para dar cabo desses objetivos dividi a turma em cinco grupos, de modo que cada grupo ficasse responsável pela investigação de um eixo. Defini as datas de entrega da pesquisa, bem como a sua socialização, uma vez que, todos precisariam se apropriar dos temas relativos aos eixos pesquisados pelos outros grupos, afim de se apropriar dos múltiplos aspectos que compõem essa prática. Essa apropriação permite reconhecer quais as relações que estabelecemos com esse produto cultural e porquê.

Cabe ressaltar que pelo ineditismo do estudo, a escola não dispunha de material para vivência, embora tenhamos solicitado não tivemos o material para o trabalho, razão pela qual o mesmo foi adquirido com os recursos da Professora. Sabemos que há um tramite legal para aquisição de material, por isso embora apontando como dificultador, este adendo não tem aqui qualquer conotação de queixa. Apenas um apontamento para que se possa viabilizar o trabalho do professor com mais agilidade.

Paralelamente às investigações, iniciamos a vivência pela remada, deslocamento em que o skatista se equilibra com um pé no skate e vai dando impulso no chão com o outro pé, para em seguida ficar com os dois pés sobre o skate e sair deslizando. O domínio da remada era fundamental, pois só então poderíamos continuar nos desafiando com manobras mais ousadas. Vale dizer que a contribuição dos alunos mais familiarizados com essa prática foi de grande valia.



Ao entrar na escola a prática do skate passou a ser ressignificada pelos alunos, a forma como conseguiram deslizar iniciou-se de diferentes formas conforme registro acima. Um aspecto que sucedeu o início da vivência pela remada foi o título do trabalho sugerido pelo aluno Vitor³ após ter conseguido deslizar sozinho. "Pro consegui, afastou os braços dizendo: - deslizando sobre rodas, tira uma foto".

³ Todos os nomes citados são fictícios.

A ressignificação se deu também nas diferentes maneiras de se desafiar, ora utilizando cones para contornar, ora saltando banco sueco, ora saltando mochilas e os próprios colegas. A primeira manobra a ser vivenciada foi o "ollie" sugerida pelos alunos mais experientes.



Para dar suporte às vivências, alternamos a prática com a leitura dos vídeos: "As oito manobras mais fáceis de skate para iniciantes" e "Como andar de skate começando do zero". A partir da leitura e dos registros das manobras passávamos a vivenciar/tentá-las sob a supervisão dos *streeters* (skatistas que praticam skate nas ruas) de plantão. Ao estudarmos as manobras fui provocando uma reflexão acerca dos desafios já vivenciados, por exemplo: a manobra *slalon* que consiste em fazer zigue zague entre cones foi realizada quando os alunos utilizaram-nos para se desafiar ou o *high jump* que pode ser comparado ao desafio de saltar uma mochila ou o colega deitado. Os alunos foram percebendo que os obstáculos criados poderiam ser correlatos das manobras acima.

Na aula seguinte iniciamos a socialização das pesquisas, os grupos que apresentaram neste dia tiveram muita dificuldade para expor seus trabalhos revelando pouca familiarização com este tipo de tarefa. Procurei considerar as contribuições e segui com aprofundamento propondo atividades para abordar os demais eixos.

As atividades propostas transitaram entre a pesquisa, socialização e vivências. Com esse procedimento procurei relacionar o movimento que estavam fazendo em relação ao skate com o que deveria ser realizado por eles, na elaboração do TCA, já que todos os professores dos nonos anos deveriam acompanhar essa produção. No entanto pude constatar dificuldades no processo de leitura e produção de texto, além da dificuldade já mencionada anteriormente, constatação essa que me levou a propor atividades com pequenos textos que contemplassem os eixos que deveriam pesquisar,

com vistas a fazer intervenções como por exemplo: retirar do texto as informações que considerassem importante para o nosso estudo e que contribuíssem para o aprofundamento ou ampliação dos nossos conhecimentos. Exemplo de textos escritos utilizados: Skate e seu design gráfico; o Skate feminino no Brasil e Skate. A leitura dos textos deveria se deter em três encaminhamentos: eleger suas hipóteses sobre o que o autor iria abordar no texto; ler, confirmar ou refutar as hipóteses e selecionar o que o grupo considerasse ser importante para aprofundar os conhecimentos sobre o skate.

O segundo texto revela que o skate feminino ainda encontra barreiras para se consolidar como prática legítima também das garotas. Colocar sob suspeita esta supremacia masculina e desnaturalizar esses discursos reproduzidos pelas alunas é meu compromisso. Assim pensando propus a leitura dos seguintes vídeos: "Angra, menina de oito anos é a melhor skatista do Estado" e "Garota skatista ganha espaço no mundo". Com os vídeos pretendíamos discutir as afirmações de grande parte da turma feminina de que essa prática além de perigosa era para meninos. Esses discursos, no meu ponto de vista, escondem também uma concepção de aula de Educação Física como um espaço de livre escolha, uma vez que, qualquer que fosse a situação didática proposta o envolvimento não se alterava. Embora tendo suas certezas colocadas a prova a atuação desse grupo e suas interpretações permaneceram inalteradas. Seguimos com as vivências da remada para alguns, do *slalon* para aqueles mais seguros e do *high jump* para os mais ousados. Os desafios diversificavam, algumas meninas já conseguiam equilibrar-se deslizando e arriscando o ollie.

O aluno Pedro mesmo apresentando um comprometimento físico não se intimidou e já tendo dominado a remada arriscou-se no ollie apoiando-se na trave de futebol, revelando um espírito de skatista. Para o skatista treinar é um constante desafiar-se para cada vez mais melhorar sua performance, [...] "mesmo que a intenção seja criar movimentos novos sem qualquer relação com desempenho e, muito menos, com melhoria das capacidades físicas" Neira (2014, p.150).

Com intuito de ampliar o universo das manobras e os conhecimentos acerca dos praticantes trouxe o vídeo: "Manobras inventadas por Rodney Mullen"⁴. O

⁴Considerado um dos mais ou o mais influente skatista da história devido à invenção de manobras com base em ollies e flips por volta dos anos 80, incluindo o ollie de solo, kickflip, hellflip e o 360 flip que são usados na atualidade nos estilos vertical e street do esporte. Fonte: <http://clubed skate.com/adicionais/rodney-mullen>

encaminhamento estava centrado na compreensão das manobras e seus respectivos nomes. Ao final trocávamos nossas impressões e se fosse preciso retomávamos o vídeo. Na quadra tentamos entender as manobras: *heelflip*; *shove it* e *backside shove it* com a ajuda dos alunos João e Milton.

A abordagem do eixo relativo ao papel da música nesta prática se deu por meio da leitura do vídeo: *Gângster Skater VS Punk Skater. wmv*. O encaminhamento que direcionou a leitura do vídeo foi o seguinte: Observar as características dos skatistas relacionando-as com as músicas; as manobras, o espaço físico e o que mais chamasse atenção. Considerando a performance dos alunos na exposição das pesquisas, entendi ser necessário insistir nessas atividades de socialização, por essa razão, ao final da assistência os alunos deveriam socializar suas observações com vistas a elaborar uma síntese que respondesse a nossa pergunta, qual seja, qual o papel da música nessa prática? Os alunos concluíram que a opção pelo Rock ou pelo Punk tinha a ver com a agressividade nas manobras e que as roupas definiam bem quem optava pelo primeiro ou pelo segundo estilo. A pergunta orientadora facilitou a elaboração da síntese.

Já o estudo sobre os campeonatos revelou uma relação direta com os espaços de prática, as manobras e o mercado, tema que acabou sendo incorporado no estudo deste eixo. Os alunos concluíram que a prática do skate que pode ser caracterizada como democrática é o street, por não se renderem à sedução do mercado esportivo, uma vez que os streeters resistem a transformação desta modalidade em esporte, argumentando que a competição é imposta por eles mesmos à sua própria performance, que não pretendem competir com os outros e que o esporte restringe a liberdade impondo-lhes regras que os impedem de criar e de serem livres. Para o skatista o que interessa é mostrar sua evolução, sua competição é consigo. "O que está em jogo é a plasticidade dos movimentos, a estética do texto produzido pela linguagem corporal, o simples (e nada fácil) vencer a si mesmo, fazer melhor do que fez ontem e anteontem" (NEIRA, 2014, p.149).

Tendo sido abordados os eixos do estudo entreguei para o grupo uma apostila com uma síntese do projeto, contemplando as contribuições do grupo que estudou as modalidades, já que os outros não entregaram suas pesquisas. Os alunos apresentaram grande resistência em realizar atividades que se expressassem pela escrita. Os registros das aulas, a princípio deveriam ser feitos no caderno da turma, todavia essa prática não foi consolidada. Em alguns casos a resistência pode estar relacionada às dificuldades, por

isso me ocorreu produzir a apostila para auxiliá-los na síntese avaliativa, necessária para a análise dos meus encaminhamentos.

A escola tem uma história de semana de provas e a Educação Física participou, porém os resultados foram insatisfatórios em sua maioria, contudo trouxe informações importantes como por exemplo: que a aluna Marcia mostrou estar centrada nas nossas discussões, apontamentos e mesmo sem realizar as vivências foi a que a mais se apropriou dos conhecimentos que eu fiz circular em nossas aulas, revelou também que os alunos que contribuíram com as vivências, dada a sua experiência com o skate, pouco se apropriaram das discussões e dos discursos que atravessam essa prática. Após receber as provas analisei com os alunos as questões e a justificativa para o insucesso foi a falta de registro, afirmaram não ter o que consultar ou retomar. Sugeri que no próximo estudo adotássemos uma forma de registro e que estaria aberta a sugestões.

Passada a semana de provas a mobilização ficou centrada na organização da nossa saída pedagógica. Na última semana de aulas fomos ao parque Linear de Itaquera. Este evento não teve o sabor de confraternização porque fomos surpreendidos pelo acidente do aluno Pedro que embora apresente um comprometimento físico não deixou de participar das aulas apresentando sensíveis mudanças em relação a sua condição inicial. Cabe ressaltar que nosso deslocamento foi a pé da escola ao parque e que o aluno esteve todo o tempo do meu lado conversando sobre o projeto, contudo na entrada do parque, ao iniciar a sua remada foi surpreendido com uma pequena elevação no piso e ao cair fraturou o braço. Foi assistido e está bem.

O festival de skate foi realizado após o retorno do recesso. Para a sua realização, os alunos puderam se inscrever escolhendo pelas modalidades: *street*, *slalon* ou *high jump*, lembrando que essas modalidades foram ressignificadas ao longo do estudo, já que ao adentrar o espaço da escola a prática corporal ganha um significado diferente, tanto no que respeita ao espaço estritamente falando, quanto na sua dinâmica. Por ser um evento novo para o universo escolar e por ser individual, contou com a adoção de poucos participantes. Ao final, o vencedor de cada modalidade ganhou um skate, inclusive o aluno Pedro pela sua dedicação e por ter demonstrado que é possível sim, tematizar o skate na escola e que os nossos limites devem ser impostos por nós mesmos.

Considerações

O planejamento de cada atividade sempre levou em conta as respostas, as interpretações ou devolutivas dos alunos como pudemos observar na socialização das pesquisas. Este movimento me permitiu fazer encaminhamentos com vistas ao atendimento de todos. Para os alunos, este procedimento favoreceu a visualização do percurso do estudo percebendo onde estavam contribuindo e onde precisavam se empenhar mais, embora não possamos garantir esse empenho ou modificações, como vimos no caso do estudo do eixo participação feminina e nos resultados da síntese avaliativa. Para a Professora constituiu-se em condição para seguir adiante, reorientar, mudar a direção ou retomar. O Currículo Cultural da Educação Física denomina esse movimento de "Escrita Autopoiética" (ESCUADERO, 2011) ou avaliação na perspectiva cultural. O planejamento, a metodologia e a avaliação estão imbricados no processo de ensinar e aprender.

O texto "Os Skatistas" utilizado numa síntese avaliativa de Alzira Celia Alves traduz o pensamento e a conduta dos skatistas que pude identificar no discurso dos alunos, sensivelmente diferente do identificado no mapeamento: " Silêncio, por favor, enquanto assisto o movimento dos rapazes com seus skates. Quem vê suas roupas largas, com calças maiores que as pernas, não se engane, não é despojo – é para que caiba a grandeza que há em cada um deles..."

Penso que o estudo do Skate contribuiu para que os alunos, ao menos em seus discursos, passassem a ver a prática como uma produção cultural e seus praticantes como produtores dessa cultura que não é melhor ou pior que qualquer outra prática cultural e que deve ser respeitada, assim como seus praticantes. Cabe ressaltar que contribuiu para uma mudança na visão dos colegas professores e gestores sobre a entrada do skate na escola, agora não mais como uma prática marginal.

Referências:

ESCUADERO, N. T. G. **Avaliação da aprendizagem em educação física na perspectiva cultural**: Uma escrita autopoiética. Dissertação de Mestrado. FEUSP, São Paulo, 2011.

Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/>

NEIRA, M. G.; NUNES, M.L.F. **Pedagogia da Cultura Corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, (2006).

NEIRA, M. G.; LIMA.M.E. e NUNES, M. L.F. (Orgs). **Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática**. São Paulo: Feusp, 2012, p.8.

SILVA, T. T. (Org.) *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

Fontes para o desenvolvimento do trabalho:

As oito manobras mais fáceis de skate para iniciantes. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=j35I4aXEI9U>. Acesso em:04/2015.

Como andar de skate começando do zero. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=0PENkRXiGaY>. Acesso em 02/2015

Documentário "Vida sobre rodas". Disponível em:

<http://clubed skate.com/adicionais/rodney-mullen>. Acesso em 02/2015.

Garota skatista ganha espaço no mundo. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=y2IvOHxFnBA>. Acesso em: 03/2015.

NEIRA, M. G. Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da Educação Física. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, p. 138-155, vol. 9, n. 18, julho/dezembro de 2014. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/>. Acesso em: 02/2015.

O Skate feminino no Brasil. *Contemporaneos Revista de Artes e Humanidades*. Disponível em: www.revistacontemporaneos.com.br. n.11. nov.2012/ Abril. 2013. Acesso em 02/2015.

Os Skatistas. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/FCSKTperfil/posts/276101702485008>. Acesso em: 05/2015.

Skate. Disponível em: <http://www.infoescola.com/esportes-radicaais/skate/>. Acesso em 02/2015.

Skate e seu design gráfico. *Contemporaneos Revista de Artes e Humanidades*. Disponível em: www.revistacontemporaneos.com.br. n.11. nov.2012/ Abril. 2013. Acesso em 02/2015.

